



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TECNOLOGIA
ESPECIALIZAÇÃO NO ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

PATRICIA FERREIRA DE OLIVEIRA SILVA

**RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A RELAÇÃO DO POVO XUKURU DE
CIMBRES, EM PESQUEIRA/PE, COM A NATUREZA E O MEIO AMBIENTE**

Pesqueira - PE

2025

PATRÍCIA FERREIRA DE OLIVEIRA SILVA

**RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A RELAÇÃO DO POVO XUKURU DE
CIMBRES, EM PESQUEIRA/PE, COM A NATUREZA E O MEIO AMBIENTE**

Relato de Experiência apresentado ao Curso de Especialização em Ensino de Ciências e Matemática na modalidade a distância da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista no Ensino de Ciências e Matemática.

Orientadora: Profa. Me. Georgina Marafante Sá

Pesqueira - PE

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Suely Manzi – CRB-4 809

S586r Silva, Patricia Ferreira de Oliveira.
Relação do povo Xukuru de Cimbres em Pesqueira/PE ,
com a natureza e o meio ambiente: relato de experiência
/ Patricia Ferreira de Oliveira Silva. – Recife, 2025.
29 f.; il.

Orientador(a): Georgina Marafante Sá.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade
Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia -
UAEADTEC, Especialização em Ensino de Ciências e
Matemática, Recife, BR-PE, 2025.

Inclui referências.

1. Educação indígena. 2. Interculturalidade
.3. Saberes. 4. Ancestrais 5. Sustentabilidade. I. Sá,
Georgina Marafante, orient. II. Título

CDD 500

PATRÍCIA FERREIRA DE OLIVEIRA SILVA

**RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A RELAÇÃO DO POVO XUKURU DE
CIMBRES, EM PESQUEIRA/PE, COM A NATUREZA E O MEIO AMBIENTE**

Relatório de caso submetido ao Curso de Especialização em Ensino de Ciências e Matemática, como requisito parcial para obtenção de grau de Especialista em Ensino de Ciências e Matemática.

Entregue em 20/05/2025.

BANCA EXAMINADORA

Georgina Marafante Sá
Pedagoga, Me. em Educação Matemática e Tecnológica
(Orientadora)

Juliana Cavalcanti Macedo
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)
(Avaliador I)

Susana Carvalho de Souza
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
(Avaliador II)

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui foi uma jornada desafiadora, repleta de aprendizados, obstáculos e superações. Este trabalho representa não apenas uma etapa acadêmica vencida, mas também uma conquista pessoal que carrego com muito orgulho e gratidão.

Primeiramente, agradeço a Deus, que sempre me sustentou nos momentos de cansaço e incerteza, renovando minhas forças quando pensei em desistir.

À minha família, meu alicerce, meu porto seguro, agradeço por cada gesto de carinho, apoio e paciência. Em especial, ao meu filho Arilson, que todas as vezes que precisei para me ajudar com as dificuldades que apareciam diante do mundo tecnológico sempre me socorreu mesmo cansado depois de um dia de trabalho, em finais de semana, ele estava lá. Este trabalho é, antes de tudo, para você.

Aos meus professores e a professora orientadora Georgina Marafante, minha eterna gratidão pela dedicação e pelos ensinamentos que me guiaram com sabedoria e empatia onde eu muitas vezes pensei que não conseguiria chegar até o fim.

Ao Povo Xukuru de Cimbres que compartilhou conhecimentos, vivências, ensinamentos e que abriu as portas de sua aldeia para que eu pudesse vislumbrar um mundo de possibilidades e aprendizado, mostrando que a natureza nos dá tudo que precisamos, que a terra e mãe, a natureza é sagrada e merece todo o nosso respeito, só temos de preservar e cuidar.

Chegar até aqui foi uma jornada desafiadora, repleta de aprendizados, obstáculos e superações. Este trabalho representa não apenas uma etapa acadêmica vencida, mas também uma conquista pessoal que carrego com muito orgulho e gratidão. O meu muito obrigado a todos os envolvidos na realização desse sonho. Que Deus abençoe grandemente a todos.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	10
2. OBJETIVO	11
2.1. Geral	11
2.2. Específicos	11
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
3.1. Território, Identidade e Natureza: A Essência dos Xukuru de Cimbres	12
3.2. Um pouco da história	13
3.3. O território tão esperado	13
3.4. História em formato de toante	17
3.5. O tempo e o seu significado para o Xukurus de Cimbres	18
4. METODOLOGIA	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	26
ANEXOS DE IMAGENS	27

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Ritual tradicional do povo Xukuru de Cimbres.	14
Figura 2. Regularização de posse da terra.	15
Figura 3. Momento de discussão e reconhecimento de tempos difíceis.	15
Figura 4. Vista do alto da aldeia Xukuru de Cimbres	28
Figura 5. Índios Xukuru de Cimbres reunidos para dançar o ritual sagrado: Toré	28
Figura 6. Território Xukuru de Cimbres (Serra da Sela)	28
Figura 7. Rio Ipanema (Cachoeira)	29
Figura 8. Pegi do terreiro João Rodrigues	29

RESUMO

A instituição escolar desempenha um papel fundamental na formação cidadã, promovendo conhecimentos e ações voltadas para a reflexão crítica e a transformação social. Este relato de experiência apresenta uma vivência junto ao povo Xukuru de Cimbres, situado no município de Pesqueira, agreste de Pernambuco. A atividade possibilitou uma imersão sensível e respeitosa na cultura, no trabalho cotidiano, na educação, na espiritualidade e na resistência desse povo indígena, revelando aspectos centrais de sua identidade, como a relação sagrada com o território, o respeito e o cuidado com a natureza, os rituais religiosos, a organização comunitária e o protagonismo na luta pelos direitos indígenas. Com esse trabalho foi possível relatar minhas experiências enquanto professora de EJA e pioneira na educação escolar indígena com os idosos da aldeia. O acolhimento por parte da comunidade — anciãos e lideranças —, que compartilharam suas memórias, saberes e práticas, promoveu uma reflexão profunda sobre a importância do reconhecimento e da valorização dos povos originários no contexto educacional e social daquela comunidade. A experiência permitiu ampliar o meu conhecimento acadêmico com os saberes ancestrais, contribuindo para uma formação crítica e ética enquanto educadora, me comprometendo com uma educação intercultural, específica, diferenciada, inclusiva e antirracista. Além disso, evidenciou que a resistência do povo Xukuru de Cimbres constitui-se como ato pedagógico e político, sendo a cultura viva e o manejo sustentável dos recursos naturais práticas fundamentais para a preservação ambiental e para a manutenção de suas tradições. A transmissão intergeracional dos conhecimentos sobre a terra, o clima e as espécies nativas reforça o papel da escola indígena na construção de uma educação que valoriza a terra, a história, a identidade e a interculturalidade. Conclui-se, portanto, que a relação dos Xukuru de Cimbres com a natureza não é apenas um aspecto cultural de sua identidade, mas também um modelo de sustentabilidade que pode contribuir para o enfrentamento dos desafios ambientais globais. O reconhecimento e a valorização desses saberes são fundamentais para a construção de estratégias de conservação ambiental que ensina aos seus descendentes de formas simples e consciente de preservar e cuidar bem da natureza como um todo.

Palavras-chave: educação indígena; interculturalidade; saberes ancestrais; sustentabilidade.

ABSTRACT

The school institution plays a fundamental role in the formation of citizenship, promoting knowledge and actions aimed at critical reflection and social transformation. This experience report presents an experience with the Xukuru de Cimbres people, located in the municipality of Pesqueira, in the hinterland of Pernambuco. The activity allowed a sensitive and respectful immersion in the culture, daily work, education,

spirituality and resistance of this indigenous people, revealing central aspects of their identity, such as the sacred relationship with the territory, respect and care for nature, religious rituals, community organization and protagonism in the fight for indigenous rights. With this work it was possible to report my experiences as an EJA teacher and pioneer in indigenous school education with the village elders. The welcome by the community — elders and leaders —, who shared their memories, knowledge and practices, promoted a deep reflection on the importance of recognizing and valuing the native peoples in the educational and social context of that community. The experience allowed me to expand my academic knowledge with ancestral knowledge, contributing to a critical and ethical training as an educator, committing me to an intercultural, specific, differentiated, inclusive and anti-racist education. Furthermore, it showed that the resistance of the Xukuru de Cimbres people constitutes a pedagogical and political act, with living culture and sustainable management of natural resources being fundamental practices for environmental preservation and for maintaining their traditions. The intergenerational transmission of knowledge about the land, climate and native species reinforces the role of the indigenous school in building an education that values the land, history, identity and interculturality. It is therefore concluded that the relationship of the Xukuru de Cimbres with nature is not only a cultural aspect of their identity, but also a model of sustainability that can contribute to facing global environmental challenges. The recognition and appreciation of this knowledge is fundamental for the construction of environmental conservation strategies that teach their descendants simple and conscious ways to preserve and take good care of nature as a whole.

Keywords: indigenous education; interculturality; ancestral knowledge; sustainability.

1. INTRODUÇÃO

A vivência junto ao povo indígena Xukuru de Cimbres, situado no município de Pesqueira, no estado de Pernambuco, Brasil, foi um marco em minha trajetória como educadora e em minha vida pessoal. Durante essa imersão, pude compreender a relação profunda e espiritual que o povo estabelece com o meio ambiente e com a natureza, percebidos não apenas como recursos, mas como seres sagrados que orientam a vida, cultura e organização social.

Vivenciar essa realidade me fez perceber que, em um contexto em que os saberes indígenas ainda são pouco valorizados — e muitas vezes invisibilizados pelas políticas públicas e pela sociedade —, existe uma forma ancestral, sensível e profundamente sábia de cuidar da terra e da vida. Estar presente e aprender com o povo Xukuru de Cimbres me mostrou que compreender essa relação é essencial diante dos desafios ambientais e culturais que enfrentamos atualmente no tocante a preservação ambiental e que homem e natureza podem sim, viver em harmonia.

Mais do que uma simples observação do contexto, a vivência proporcionou o entendimento de que o meio ambiente e a natureza, para os Xukuru de Cimbres, são entes sagrados, interligados à identidade, à espiritualidade e à luta por direitos territoriais. Participar do cotidiano da comunidade, conhecer seus rituais, práticas agrícolas e modos de ensino me fez refletir sobre a importância de valorizar os conhecimentos indígenas como parte fundamental da preservação ambiental.

Como afirma Krenak (2019), a ideia de que a Terra é um bem comum, uma casa, foi substituída pela noção de que ela é um recurso. Isso criou uma enorme fratura na nossa relação com o planeta. Essa reflexão ajuda a compreender por que os saberes indígenas são essenciais para repensarmos nossa forma de existir e de conviver com o meio ambiente.

Diante disso, este trabalho de pesquisa me levou a compreender a intimidade do povo Xukuru de Cimbres com a natureza, destacando a importância de seus saberes tradicionais como; formas de resistência, educação e cuidado com a terra. A partir da escuta atenta, da convivência, da observação respeitosa com o povo e com a troca de experiências através da sala de aula, tive a oportunidade de entender esses saberes, valorizar a cultura indígena e contribuir, com base nessa vivência, para a construção de uma relação mais harmônica entre a sociedade e a natureza.

Refletindo sobre a importância da valorização dos saberes indígenas na construção de um modelo mais equilibrado e respeitoso de relações com a natureza; contribuindo para a visibilidade e reconhecimento da cultura Xukuru de Cimbres como parte essencial da preservação ambiental para as futuras gerações.

2. OBJETIVO

2.1. Geral

Compreender a relação do povo Xukuru de Cimbres com o meio ambiente e a natureza, destacando seus conhecimentos tradicionais, práticas ambientais e desafios socioeconômicos.

2.2. Específicos

Investigar os conhecimentos tradicionais do povo Xukuru de Cimbres relacionados à natureza e ao uso sustentável dos recursos naturais;

Identificar as práticas ambientais desenvolvidas pela comunidade Xukuru de Cimbres em seu cotidiano e nos rituais de conexão com a terra e a natureza;

Analisar os desafios socioeconômicos enfrentados pelo povo Xukuru de Cimbres diante das transformações sociais, territoriais e ambientais;

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. Território, Identidade e Natureza: A Essência dos Xukuru de Cimbres

A relação do povo Xukuru de Cimbres com a natureza vai além de uma simples interação com o meio físico: trata-se de uma conexão espiritual, cultural, histórica e existencial. Para compreender essa relação, é necessário considerar as cosmovisões indígenas, que percebem o meio ambiente não como um recurso a ser explorado, mas como um organismo vivo e sagrado, do qual o ser humano faz parte (Sousa et al., 2018).

A motivação para a preservação ambiental entre os Xukuru de Cimbres está enraizada em sua espiritualidade e em seus modos de vida ancestrais. A natureza é vista como extensão da própria vida, onde cada ser — seja uma árvore, um rio ou um animal — carrega uma força vital e um papel dentro do equilíbrio do mundo. A terra, para os Xukuru de Cimbres, não é apenas território; é "mãe-terra", fonte de alimento, cura, identidade e memória (Barbosa; Cabral; Alexandre, 2019). Preservá-la é, portanto, preservar a si mesmos, suas histórias, seus encantados e a continuidade de seu povo. O respeito nasce da consciência de interdependência entre o ser humano e o mundo natural.

As práticas ambientais do povo Xukuru de Cimbres estão presentes tanto no cotidiano quanto nos rituais, festas e celebrações sagradas. O uso de ervas medicinais, o cuidado com as nascentes, o manejo sustentável da agricultura, o desmatamento consciente e a defesa dos territórios são exemplos claros (Beserra et al., 2021). Além disso, o povo Xukuru tem uma forte atuação política na luta pela demarcação e proteção de suas terras, compreendendo que, sem território, não há vida, cultura ou futuro para os povos indígenas. A vivência comunitária, o conhecimento oral transmitido entre gerações e a relação de reciprocidade com a terra são estratégias concretas de resistência ecológica.

A relação de cuidado e reverência à natureza tem por finalidade garantir a continuidade da vida — humana e não humana — em equilíbrio. Os Xukuru de Cimbres reconhecem que a preservação do meio ambiente não é apenas uma causa indígena, mas uma necessidade coletiva da humanidade. Sua luta é, ao mesmo tempo, local e global: proteger a natureza é proteger o futuro. A manutenção dessa relação é também uma forma de afirmação cultural e política — um gesto de resistência frente aos processos de colonização, expropriação e apagamento histórico que os povos indígenas enfrentaram e ainda enfrentam (Silva, 2019).

Nesse sentido, refletir sobre a relação do povo Xukuru de Cimbres com a natureza nos convida a repensar os modelos ocidentais de desenvolvimento e a reconhecer, nos saberes indígenas, caminhos alternativos para uma convivência mais harmônica, justa e sustentável com o planeta. Como apontam autores como Ailton Krenak (2019) e Viveiros de Castro (2002), os povos indígenas não apenas vivem na floresta — eles vivem com a floresta, ensinando que a natureza não é um “outro” a ser dominado, mas um “nós” a ser respeitado.

3.2. Um pouco da história

O povo Xukuru de Cimbres tem uma data especial e histórica para comemorar. No dia 7 de setembro de 2001, aconteceu um marco muito importante: as aldeias Cimbres, Cajueiro e Guarda se libertaram e deixaram de ser subordinados a uma hierarquia que só pensava em seu próprio bem e não trabalhava pelo coletivo. Exatamente há 24 anos, o Cacique Ciba, o Pajé Zé Ferreira e o líder do Conselho Biá proclamaram, da calçada do antigo e histórico Senado de Cimbres, a independência do povo Xukuru de Cimbres em relação ao povo de Ororubá (Barbosa; Cabral; Alexandre, 2019).

Com inteligência e sabedoria, essas lideranças utilizaram todas as ferramentas democráticas e legais garantidas pela Constituição de 1988 para se libertarem de uma administração que não respeitava outras formas de pensar e, tampouco, a opinião de indígenas conscientes e com um pensamento voltado para o coletivo das aldeias (Berni, 2017).

Nessa data, o povo deu seu grito de liberdade e, enfim, pôde se organizar como desejava: ouvindo a todos e todas, sem distinção; estabelecendo o respeito por todas as formas de pensar; e escolhendo democraticamente aquilo que a maioria decidia. Nascia, assim, um povo que, há 24 anos, honra e dá continuidade às suas tradições, cultura, espiritualidade e à liberdade de expressão para todos (Beserra et al., 2021).

Hoje, vivem em uma reserva totalmente regularizada e sem qualquer dependência de organizações externas. Todos sentem orgulho de ser um povo que lutou — e segue lutando — por seus direitos, respeitando os direitos dos outros e ocupando seu lugar em toda a sociedade.

3.3. O território tão esperado

Na Fazenda Santa Helena, localizada no município de Pesqueira-PE, o povo Xukuru de Cimbres se reunia em um espaço cedido por um fazendeiro para a realização de seus rituais e tradições religiosas. Em uma dessas reuniões, vivenciaram um dos momentos mais felizes de sua história, após sete anos de angústia (Beserra et al., 2021).

No dia 18 de julho de 2010, aconteceu um marco histórico para o povo: a melhor notícia que poderiam receber, reacendendo a esperança de dias melhores. Aquele dia começou com uma linda celebração eucarística, conduzida pelo amigo Padre Ézio. O espaço estava repleto de indígenas, vestidos com seus tacos (vestimentas de palha utilizadas nos rituais festivos), barretinas, jupago e maracás.

O pajé Zé Ferreira entoava um lindo toante que falava sobre Jesus Cristo. Logo após a celebração eucarística, foi realizado um grande e belo ritual, em agradecimento ao nosso Pai Tupã, à Mãe Tamain e aos Encantos de Luz. Estavam presentes representantes da FUNAI, FUNASA, DSEI-PE e da Prefeitura de Pesqueira-PE, todos aqueles que, de alguma forma, nos auxiliaram nas lutas diárias (Figura 1).



Figura 1. Ritual tradicional do povo Xukuru de Cimbres.

O líder do povo da etnia Xukuru de Cimbres, Expedito Alves Cabral (Biá), recebeu das mãos do Sr. Frederico, representante da FUNAI, o documento de regularização de posse da terra. Naquele momento, a Fazenda Santa Helena passou a ser oficialmente denominada Reserva Indígena Xukuru de Cimbres (Figura 2).



Figura 2. Regularização de posse da terra.

Em seu discurso, o líder Expedito (Biá) relembrou os tempos difíceis que precisou enfrentar para conseguir recursos: as diversas viagens a Brasília e Recife — custeadas pelo próprio povo —, os sete anos de reivindicações, a angústia de estarem sem território, após terem sido expulsos de sua terra de origem (Figura 3).



Figura 3. Momento de discussão e reconhecimento de tempos difíceis.

Ele não esqueceu daqueles que o encorajaram durante essa trajetória, nem dos que tomaram ao longo do caminho, como sua mãe, tios e amigos. Confessou que nunca pensou em desistir, embora tenha enfrentado momentos de tristeza. No entanto, a fé em Tupã e as orações da comunidade sempre o mantinham de pé.

Citou ainda que, durante uma das mudanças de funcionários na FUNAI, o jovem Frederico foi contratado e, ao tomar conhecimento da história do povo Xukuru de Cimbres, assumiu o compromisso de buscar soluções para o problema fundiário. Depois de algum tempo, Frederico entrou em contato com a notícia de que havia conseguido o recurso necessário para a compra da fazenda. No entanto, havia um detalhe: o valor precisava ser destinado em apenas uma hora, caso contrário, todo o processo sofreria um retrocesso e teria que ser reiniciado do zero. Foi um momento de correria, tensão e esperança, que culminou na conquista de um sonho coletivo: a terra de volta.

Tendo em vista que os proprietários estavam cientes do nosso interesse, iniciou-se a questão burocrática de homologação dos documentos. A emoção aflorou aos termos, em mãos, o tão sonhado documento de posse daquele lugar, já tão sagrado para o nosso povo, pois os antigos donos permitiam a prática dos nossos rituais naquelas matas, assim como fazemos em nosso território de origem.

Foi lembrado que, ao passar o documento para as mãos do pajé Zé Ferreira, ele, emocionado, disse: “Meu tempo de me encantar está próximo. Acredito que não verei toda essa terra se desenvolver. Só peço que as sementes que lancei vocês não deixem morrer.” Treze anos se passaram e, graças a Pai Tupã e à Mãe Tamain, ele permanece conosco até o presente momento: 24 de agosto de 2023.

Naquele momento, após a fala do pajé, o cacique Francisco de Assis (Ciba) tomou a palavra. Emocionado, afirmou que tudo o que estava sendo relatado ali não poderia cair no esquecimento. Aquelas palavras e atitudes eram expressões de resiliência e das muitas lágrimas derramadas no período em que ficamos sem território. E, talvez, no futuro, precisem ser ditas e vividas novamente. Demos apenas o primeiro passo de muitos que ainda estavam por vir.

Ao longo desses treze anos, algumas daquelas sementes lançadas começaram a florescer. Os que eram jovens na época estão assumindo seus lugares e auxiliando na luta. Ainda enfrentamos dificuldades, e precisamos continuar sendo resilientes. As lágrimas voltaram a rolar em nossos rostos — hoje, mais de alegria pelas novas conquistas do que de angústia.

3.4. História em formato de toante

Xukuru desceu a serra

Foi morar no Ipanema (bis)

-

Ele veio, mas ele é

É o rei da jurema (bis)

-

Por falar de Xukuru

De cimbres eu sou da gema (bis)

-

Se tombou, mas não caiu

É o rei da jurema (bis)

-

Vou juntando os curumins

Lá para o rio Ipanema (bis)

-

Peço licença ao pajé

Ao cacique e a sacarema (bis)

Peço ajuda aos Foyodé

Pros Taypiri curumins (bis)

-

Mas quem segura o nosso povo

É tupã e tamain (bis)

-

E quem dá força ao nosso povo

É tupã e tamain (bis).

Autor: Biá Cabral

3.5. O tempo e o seu significado para o Xukurus de Cimbres

“O tempo é o nosso alicerce, nossa fonte de esperança. Nele foram lançadas sementes que se transformam em raízes. Nos referimos ao tempo como a presença dos nossos antepassados. O tempo vem nos fortalecendo. Ele nos levou para lá, para cá e, como brisa, nos trouxe o bem maior: nossa casa, nosso território, onde Tupã (Deus, para os índios) escolheu para habitarmos. Lugar encantado, às margens do Rio Ipanema (que significa água escura), terras sagradas para os Xukuru de Cimbres — seja pela história, seja pela forma como lutamos, resistimos e reconstruímos nossa trajetória.

Quando estamos às margens do Rio Ipanema, o tempo insiste em nos mostrar que temos a missão de cuidar, proteger e zelar por todos os bens da natureza sagrada, pois é nela que os encantados habitam e está a força do nosso povo. O tempo, para o povo Xukuru de Cimbres, é o sopro dos ancestrais” - Ana Cláudia Leite dos Santos (índia Xukuru de Cimbres).

No ano de 2017, deu-se início à educação formal na Aldeia Mãe Maria, ainda sob os moldes da educação "branca", ensinando aos mais velhos por meio da Educação de Jovens e Adultos. A liderança Lucilo Cabral, membro do Conselho de Saúde indígena me convidou para formar uma turma de EJA para alfabetizar os jovens e adultos da aldeia. A turma foi formada e assim se deu início as aulas na aldeia Mãe Maria, em uma sala improvisada e cedida pela a associação da comunidade. A escola funcionava como extensão da Escola Municipal Sergio de Brito Cavalcanti que fica localizada no Povoado de Ipanema próximo da aldeia. De início começamos trabalhar com turmas de alfabetização até o 4º ano do fundamental 1 ou seja turma multisserie, e eu atuando como professora polivalente já ensinava alguns costumes e tradições do povo, pois eu por participar de alguns movimentos indígenas, rituais e festas tradicionais detinha conhecimento da História do povo e também ter descendência e ser parte desse povo. Diante da necessidade e do público só aumentar deram início a formação das turmas do 5º ano do fundamental 2, começando assim a mais professores virem trabalhar na escola. Tivemos que dividir as salas para poder trabalhar de forma mais individual com nossos alunos. Os indígenas, ao perceberem que a educação só crescia sentiram a necessidade de implantar em sua reserva uma escola que trabalhasse com os curumins (crianças indígenas) uma educação específica e diferenciada, preparando-os para serem guerreiros e conhecedores de suas tradições e cultura, buscando fortalecer suas raízes e impedir que a especificidade de seu povo se perdesse.

As lideranças fizeram o levantamento da demanda de alunos, organizaram toda a documentação necessária e, graças ao esforço de um povo que sempre luta pelos seus objetivos, o governo do estado assinou a portaria que deu início a mais uma linda história na linha do tempo do povo Xukuru de Cimbres. No ano de 2020, finalmente o sonho se realizou: a escola passou a existir de fato, estadualizada e com todos os direitos legais e administrativos para trabalhar com um público diversificado — anos

iniciais, ensino fundamental I, ensino fundamental II e turmas de Educação de Jovens e Adultos, do 1º ao 9º módulo.

A escola leva o nome de uma professora indígena, guerreira, exemplo de mãe — não apenas biológica, mas também mãe de um povo ao qual dedicou sua vida, alfabetizando, abrindo as portas de sua casa a todos que chegavam necessitando de apoio. A Escola Estadual Maria do Carmo Rodrigues Leite é o nome dessa guerreira Xukuru de Cimbres, referência viva para seu povo.

A escola deu início ao seu trabalho com a construção do seu Projeto Político-Pedagógico (PPP), que norteia todo o seu caminhar, e com os Eixos que trabalham, de forma específica e diferenciada, a educação dos curumins e do público em geral. Nestes eixos, são trabalhados: a terra, a organização do povo, a história, a cultura e a interculturalidade — sem deixar de lado o Currículo de Pernambuco, tudo de forma contextualizada, para atender às demandas educacionais de maneira significativa.

Entende-se que terra, identidade, organização, história e interculturalidade são aspectos fundamentais da nossa educação escolar, pois fortalecem o projeto de sociedade que queremos. São necessários para a formação de guerreiros e guerreiras e, a partir desses cinco eixos, atualizamos os diversos projetos pedagógicos e políticos desenvolvidos em nossa aldeia.

Terra: Reconhecemos o território como espaço sagrado e religioso de habitação natural, lugar dos nossos encantados, dos conhecimentos, das tradições (repleto de significados); espaço de moradia dos antepassados, fonte de inspiração para agirmos e interagirmos com a Mãe Natureza. É também o lugar onde mantemos viva a resistência, às expressões culturais e o fortalecimento da nossa espiritualidade, onde depositamos a esperança e os sonhos de construção do nosso projeto de vida.

Identidade: Compreendemos que a identidade nasce e se fortalece a partir do ser Xukuru de Cimbres. Ela é reelaborada constantemente: nas formas de convivência, nos espaços e tempos do cotidiano, na relação com os encantados. Quando lutamos para conquistar a Mãe Terra, fortalecemos nossa identidade. Ela é um patrimônio deixado pelos mais velhos para a geração atual e para as futuras gerações.

Organização: Organizamo-nos para fortalecer politicamente o nosso próprio povo, como base de sustentação nas tradições religiosas e sociais, na perspectiva da luta pela autonomia plena, com uma compreensão de mundo ampliada.

História: É compreender as relações de convivência social, cultural e histórica, e a relação com o território. Conhecer a história Xukuru de Cimbres e de outros povos é essencial para o fortalecimento das lutas que travamos. Compreender cada vez melhor os valores da nossa identidade cultural e assumir com clareza as experiências e saberes deixados pelos antigos é fundamental. Suas histórias devem se tornar nossas. Seus sofrimentos não devem ser esquecidos. As perseguições sofridas devem ser compreendidas, e a resistência, usada como espelho para as lutas atuais.

Interculturalidade: Assumir a diversidade étnica e cultural do país e do mundo como um caminho para, também entre nós, Xukuru de Cimbres, promovermos o devido respeito a outras formas de viver, pensar e conviver entre diferentes povos. Precisamos resistir para existir.

4. METODOLOGIA

A metodologia adotada neste relato é de natureza qualitativa, com base em uma abordagem descritiva e vivencial. A experiência foi realizada na Terra Indígena Xukuru de Cimbres, situada no município de Pesqueira, Pernambuco, Brasil. A vivência ocorreu ao longo de oito anos e envolveu momentos de imersão no cotidiano da comunidade.

Durante esse período, foram utilizadas técnicas de observação direta, escuta sensível, rodas de conversa com o pajé, com o cacique, além do registro reflexivo das experiências dentro e fora da sala de aula. Tive o privilégio de participar de atividades comunitárias como rituais, práticas pedagógicas e conversas informais com membros e anciãos da aldeia, respeitando sempre os modos de vida e os valores da cultura Xukuru de Cimbres. Trata-se, portanto, de um relato baseado na convivência e no aprendizado intercultural com o povo, no dia a dia da aldeia, como professora e como integrante da comunidade, de forma respeitosa e contextualizada, sem pretensão investigativa.

A visão indígena do povo Xukuru de Cimbres sobre o convívio e o respeito com o meio ambiente e com a natureza, bem como seus modos de interação com meio, provocaram em mim reflexões profundas sobre a preservação e o cuidado com a Terra.

Em um primeiro momento, foi realizada a observação dos costumes e conhecimentos tradicionais, destacando suas práticas ambientais e desafios diários de sobrevivência na comunidade, do trabalho com a terra, e a participação em rituais sagrados, nos quais ocorre uma interação profunda com a natureza e com a terra, que eles chamam de Mãe.

Em um segundo momento, foi possível acessar e valorizar novos conhecimentos no contexto da sala de aula, atuando junto às turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) como professora, em diálogo com colegas professores, lideranças espirituais, o cacique, o Conselho Indígena de Saúde e toda a comunidade escolar. Juntos, buscamos promover uma educação específica e diferenciada, capaz de preparar os curumins para se tornarem guerreiros e guerreiras Xukuru de Cimbres, homens e mulheres que carregam uma bagagem de saberes e histórias vividas ao longo da vida, na luta por sobrevivência e pelo reconhecimento de seus direitos.

A pesquisa foi conduzida com o consentimento livre e esclarecido da comunidade Xukuru de Cimbres, garantindo o direito à privacidade e à propriedade intelectual sobre seus saberes tradicionais.

Essa abordagem metodológica permitiu conhecer mais profundamente o povo Xukuru de Cimbres e sua relação de preservação e respeito com a natureza, contribuindo para a valorização de seus conhecimentos e para a formulação de políticas públicas voltadas à conservação e à preservação do meio ambiente.

A partir dessa metodologia sensível e imersiva, foi possível vivenciar momentos significativos com o povo Xukuru de Cimbres, os quais são descritos a seguir.

PARTE PRÁTICA DO RELATO:

Vivência com o povo Xukuru: natureza, resistência e sabedoria.

Ao investigar os conhecimentos tradicionais do Povo Xukuru de Cimbres com a natureza e os recursos naturais foi possível perceber que eles desenvolvem técnicas de manejo florestal que garantem a regeneração e a diversidade da floresta, ou seja, eles colocam a roça em um determinado local por dois anos e em seguida deixam a terra descansar, fazendo o reflorestamento daquela área. Cultivam espécies nativas adaptadas aos seus contextos locais, gerando desperdícios, e usando os recursos naturais de forma consciente, só se derruba uma árvore se for para uso consciente e necessário

Diante das práticas ambientais desenvolvidas pela comunidade Xukuru de Cimbres eles vêm sendo, cada vez mais, defensores dos territórios e resistem contra a exploração predatória dos recursos naturais, ou seja, é proibido caçar, pescar e retirar qualquer bem natural da reserva sem a permissão das lideranças. A luta pela demarcação e proteção de suas terras desempenha um papel crucial na conservação dos ecossistemas. Os saberes tradicionais oferecem práticas sustentáveis de uso dos recursos naturais, que podem ser essenciais para enfrentar desafios como o desmatamento, a degradação dos biomas e as mudanças climáticas

A terra Xukuru de Cimbres é um espaço de resistência, cultura e conexão profunda com a natureza de um povo que luta para ter seus direitos garantidos e para preservar seu território livre de ataques e agressões do homem branco. A aldeia se localiza em uma área de transição entre a Caatinga e a Mata Atlântica, o que resulta em uma vegetação rica e diversa.

Durante a caminhada pelo território, percebi uma grande variedade de árvores. Essas espécies nativas são utilizadas de forma sustentável pelo povo, tanto para alimentação quanto para fins medicinais. Dito isso, essa vivência também teve como foco a observação da fauna e da flora locais, além do aprendizado sobre os saberes tradicionais e ancestrais desse povo.

Com essa experiência, foi possível compreender como o povo Xukuru de Cimbres interage com o meio ambiente, utilizando seus conhecimentos ancestrais para preservar os recursos naturais e manter uma relação harmoniosa com a natureza sagrada e com a terra, retirando dela o necessário para sua sobrevivência e sua saúde. Durante essa imersão, pude refletir sobre a importância da preservação ambiental e do respeito à cultura originária do povo Xukuru de Cimbres.

Ao adentrarmos a reserva onde a aldeia está localizada, sentimos um ambiente acolhedor, marcado pela hospitalidade dos membros da comunidade. A sensação de estar em um espaço onde a natureza é respeitada e faz parte do cotidiano das pessoas é marcante.

Os Xukuru de Cimbres consideram a terra como um bem sagrado, que deve ser cuidada e preservada para as futuras gerações. A paisagem é composta por uma vegetação diversificada, com espécies típicas da Caatinga e da Mata Atlântica, já que o território está localizado em uma área de transição entre esses biomas. Árvores como juazeiros, umbuzeiros, umburana-de-cheiro, cajueiros, jatobás, aroeiras, ipês de diversas cores, mangueiras, angicos, jucás, entre outras, estão espalhadas pelo território, servindo de abrigo para aves e pequenos mamíferos.

Durante essa caminhada com os indígenas, guiado por um sentimento de admiração e respeito pela especificidade desse povo guerreiro, pude observar e aprender sobre as plantas medicinais por eles utilizadas. A sabedoria sobre essas ervas é passada de geração em geração, e cada planta possui uma função específica, seja para a cura de doenças, seja para o fortalecimento do espírito.

Essa relação de respeito e equilíbrio com a natureza me fez refletir sobre como o povo indígena Xukuru de Cimbres possui conhecimentos valiosos, muitas vezes ignorados pela sociedade. Além da vegetação rica e diversa, a fauna local também se mostrou fascinante. A reserva é rica em biodiversidade, sendo possível avistar pássaros como o sabiá, o gavião-carcará e uma enorme variedade de aves, que têm um significado especial para o povo Xukuru de Cimbres. Segundo relatos dos indígenas, algumas dessas aves são consideradas mensageiras espirituais e aparecem em momentos importantes da vida comunitária.

Outro aspecto interessante foi a relação dos Xukuru de Cimbres com os animais silvestres. Eles acreditam que cada ser vivo tem um propósito na natureza e deve ser respeitado. Diferente da visão ocidental, que muitas vezes enxerga os animais como recursos a serem explorados, os Xukuru os veem como irmãos e guardiões da mata. Esse aprendizado reforçou em mim a ideia de que é possível estabelecer uma relação mais harmônica com os seres vivos ao nosso redor.

Uma das partes mais emocionantes da experiência foi a participação em um toré, uma dança ritualística que representa a união do povo Xukuru de Cimbres com seus ancestrais e com a natureza. O toré é acompanhado por cânticos, toantes (hinos cantados pelos indígenas) e pelo som dos maracás, instrumentos musicais feitos de cabaça pelos próprios índios. Durante o ritual, pode-se sentir uma forte energia de

conexão com a terra e com os elementos naturais. Os Xukuru explicam que seus rituais estão profundamente ligados à preservação da natureza e ao contato com os ancestrais, pois acreditam que o equilíbrio espiritual do mundo depende do respeito à natureza. Aprendi que cada árvore, cada animal e cada rio tem um espírito guardião e que desrespeitar a natureza é um ato que pode trazer desequilíbrio para toda a comunidade.

Esse ensinamento me fez refletir sobre a forma como tratamos o meio ambiente na sociedade urbana e como podemos aprender com os povos indígenas a viver de maneira mais sustentável. Essa vivência me proporcionou um aprendizado profundo sobre a relação entre os seres humanos e a natureza. Aprendi que o povo Xukuru de Cimbres possui um conhecimento vasto sobre a natureza, algo que muitas vezes é desvalorizado pela sociedade moderna. Além disso, entendi que preservar o meio ambiente não é apenas uma questão ecológica, mas também cultural e espiritual.

Outro ponto importante foi a reflexão sobre a luta do povo pelo reconhecimento de seus direitos e a conquista de suas terras pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), órgão do governo brasileiro responsável por proteger e promover os direitos dos povos indígenas.

Conhecer de perto essa realidade me fez perceber a importância de apoiar a causa indígena e valorizar seus saberes tradicionais. A convivência diária com o povo Xukuru de Cimbres me ensinou que a natureza não é um recurso a ser explorado, mas sim um lar que deve ser protegido e respeitado. Espero que esse aprendizado possa ser compartilhado e inspire outras pessoas a valorizarem as culturas indígenas e a se reconectarem com a terra.

Com base nos autores e relatos apresentados, compreende-se que a relação do povo Xukuru de Cimbres com a natureza está profundamente enraizada em sua cosmovisão ancestral, que reconhece a terra como um ser vivo e sagrado. Essa perspectiva sustenta práticas de cuidado ambiental, espiritualidade, organização social e resistência política que desafiam os modelos convencionais de desenvolvimento. A fundamentação teórica mostra que os saberes tradicionais indígenas não são apenas formas de conhecimento local, mas propostas alternativas e urgentes para uma convivência sustentável com o planeta.

Essa relação harmônica entre os Xukuru de Cimbres e a natureza reforça o papel dos povos indígenas como guardiões ambientais, conforme apontado por diversos estudos (Posey, 1996; Ribeiro, 2014; Santos, 2018).

Segundo estudos recentes, as práticas sustentáveis têm se mostrado fundamentais para a preservação dos recursos naturais (Posey, 1996; Ribeiro, 2017, 2018).

Entretanto, a luta pela preservação de suas terras e tradições enfrenta desafios significativos. A colonização, a apropriação indevida do território indígena e a expansão do uso irregular da terra têm gerado impactos negativos para o meio

ambiente e para a sustentabilidade do modo de vida dos povos indígenas em geral. A degradação ambiental resultante da exploração econômica predatória ameaça não apenas os recursos naturais, mas também a identidade cultural dessas comunidades (Silva, 2013; Instituto Socioambiental, 2020).

Segundo Silva (2018), “a preservação dos povos indígenas não se restringe apenas à proteção de direitos culturais, mas configura uma estratégia essencial para a manutenção dos saberes ancestrais e da biodiversidade, contribuindo para práticas sustentáveis e a justiça social.”

Dessa forma, a demarcação e proteção das terras indígenas se apresentam como medidas essenciais para garantir a continuidade das práticas ambientais sustentáveis dos Xukuru de Cimbres e de outros povos originários. Políticas públicas eficazes devem ser implementadas para assegurar o direito à terra e fortalecer iniciativas de preservação ambiental baseadas nos saberes tradicionais indígenas (Almeida, 2011; Carneiro, 2019).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidenciou que a relação do povo Xukuru de Cimbres com a natureza é marcada por uma interação profunda e espiritual com o meio ambiente, fundamentada em conhecimentos ancestrais que garantem a sustentabilidade dos recursos naturais. Diferente da visão ocidental de exploração da terra, o povo Xukuru de Cimbres compreende a natureza como um ente sagrado, com o qual estabelece uma relação de reciprocidade e respeito, refletida em suas práticas agrícolas, rituais, espirituais e estratégias de manejo sustentável.

A pesquisa também demonstrou que os conhecimentos e a intimidade que o povo Xukuru de Cimbres tem com a natureza desempenham um papel fundamental na conservação da biodiversidade. O uso de técnicas de preservação, como a rotação de culturas e a proteção das nascentes, garante a regeneração do solo e contribui para a manutenção dos ecossistemas.

O território Xukuru de Cimbres é um território preservado porque o povo não derruba árvores, não mata os animais e não permite a caça nem a pesca para que os animais cresçam e se desenvolvam. Ainda foi possível perceber a relevância dos povos indígenas na preservação do meio ambiente e da natureza, destacando seus saberes ancestrais, suas práticas sustentáveis e sua profunda conexão espiritual com os elementos naturais. Ao longo da investigação, foi possível observar que esse povo não apenas habita em um território rico em biodiversidade, mas também desempenham um papel ativo na proteção desses espaços, utilizando técnicas que respeitam os ciclos naturais e promovem o equilíbrio ecológico.

As práticas indígenas de manejo da terra, o uso consciente dos recursos naturais e a valorização da mata, revela uma relação de reciprocidade com o meio ambiente que contrasta com a exploração predatória promovida por setores econômicos modernos. Nesse sentido, reconhecer os direitos territoriais e culturais dos povos

indígenas não é apenas uma questão de justiça histórica, mas uma estratégia essencial para a conservação da biodiversidade e o enfrentamento das mudanças climáticas.

Portanto, foi fundamental que o conhecimento tradicional do povo Xukuru de Cimbres seja respeitado, protegido e incluído nas políticas públicas ambientais. Sua atuação milenar como guardião da natureza mostra que a sustentabilidade não é um conceito novo, mais uma prática viva enraizada em culturas que há séculos compreende o valor da vida em todas as suas formas, fortalecer e valorizar os povos indígenas é um caminho necessário para garantir um futuro mais equilibrado, justo e ambientalmente saudável para as próximas gerações.

Conclui-se, portanto, que a relação dos Xukuru de Cimbres com a natureza não é apenas um aspecto cultural de sua identidade, mas também um modelo de sustentabilidade que pode contribuir para o enfrentamento dos desafios ambientais globais. O reconhecimento e a valorização desses saberes são fundamentais para a construção de estratégias de conservação ambiental mais inclusivas e eficazes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. W. B. Os povos indígenas e a questão ambiental no Brasil. São Paulo: Contexto, 2011.
- BARBOSA, V. F. B.; CABRAL, L. B.; ALEXANDRE, A. C. S. Medicalização e Saúde Indígena: uma análise do consumo de psicotrópicos pelos índios Xukuru de Cimbres. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 2993-3000, 2019.
- BARROS, M. A. O toré e a espiritualidade indígena: resistência e identidade. **Revista Brasileira de Antropologia**, v. 19, n. 2, p. 134-152, 2017.
- BERNI, L. E. V. Psicologia e saúde mental indígena: Um panorama para construção de políticas públicas. **Psicologia para América Latina**, n. SPE, p. 64-81, 2017.
- BESERRA, E. A. et al. Práticas ambientais do povo Xukuru de cimbres aplicadas na elaboração de projeto de revitalização do alto Ipanema. In: **ambiente & sociedade: concepções, fundamentos, diálogos e práticas para conservação da natureza**. Editora Científica Digital, 2021. p. 66-85.
- CARNEIRO, D. A. Sustentabilidade e resistência indígena: as práticas agroecológicas dos Xukuru. **Revista de Estudos Rurais**, v. 10, n. 1, p. 45-62, 2019.
- DIEGUES, A. C. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: **Hucitec**, 2000.
- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). Terras indígenas e conservação ambiental no Brasil. 2020. Disponível em: <https://www.socioambiental.org>. Acesso em: 14 abr. 2025.
- KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo. 1. ed. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2019.
- POSEY, D. A. Indigenous knowledge and ethics: a Darrell Posey reader. London: **Routledge**, 1996.
- RIBEIRO, M. A. Etnoconhecimento e manejo sustentável: a experiência dos Xukuru de Cimbres. **Revista de Ecologia Humana**, v. 22, n. 3, p. 89-110, 2014.
- SANTOS, R. L. Políticas públicas e territórios indígenas: desafios para a sustentabilidade. **Caderno de Ciências Sociais**, v. 15, n. 2, p. 78-94, 2018.
- SILVA, E. Índios: desafios as pesquisas e as reflexões históricas. **Revista Ouricuri**, v. 9, n. 2, p. 025-034, 2019.
- SILVA, J. P. Conflitos territoriais e impactos ambientais em terras indígenas do Nordeste. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 75, n. 1, p. 101-127, 2013.
- SOUSA, F. R. et al. **Povos indígenas e saúde mental: a luta pelo habitar sereno e confiado**. 2018. Tese de Doutorado.
- TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. La memoria biocultural: la importancia ecológica de las sabidurías tradicionales. Barcelona: **Icaria Editorial**, 2008.

ANEXOS DE IMAGENS

Figura 4. Vista do alto da aldeia Xukuru de Cimbres



Figura 5. Indios Xukuru de Cimbres reunidos para dançar o ritual sagrado: Toré

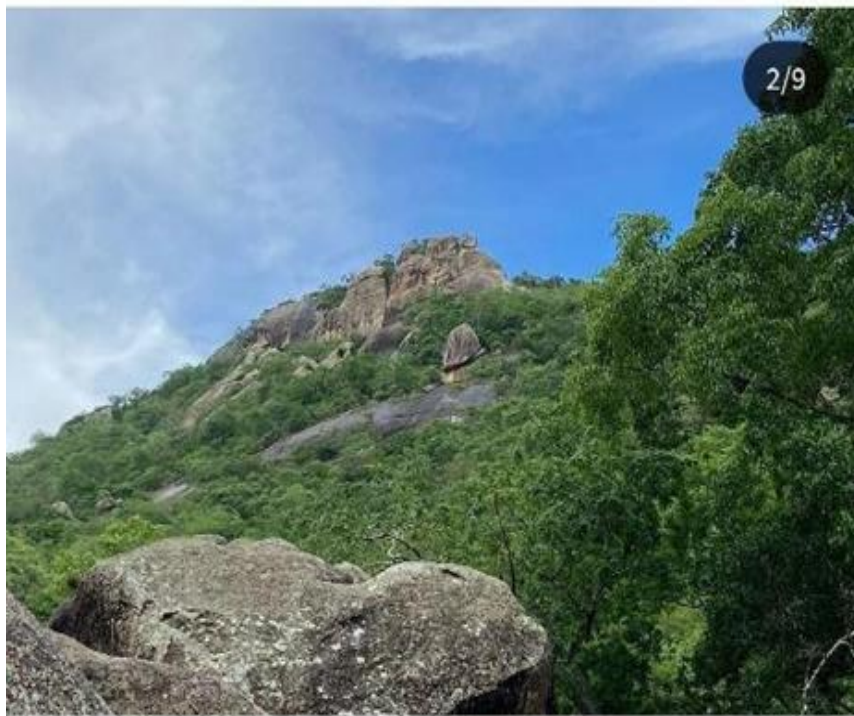


Figura 6. Território Xukuru de Cimbres (Serra da Sela)



Figura 7. Rio Ipanema (Cachoeira)

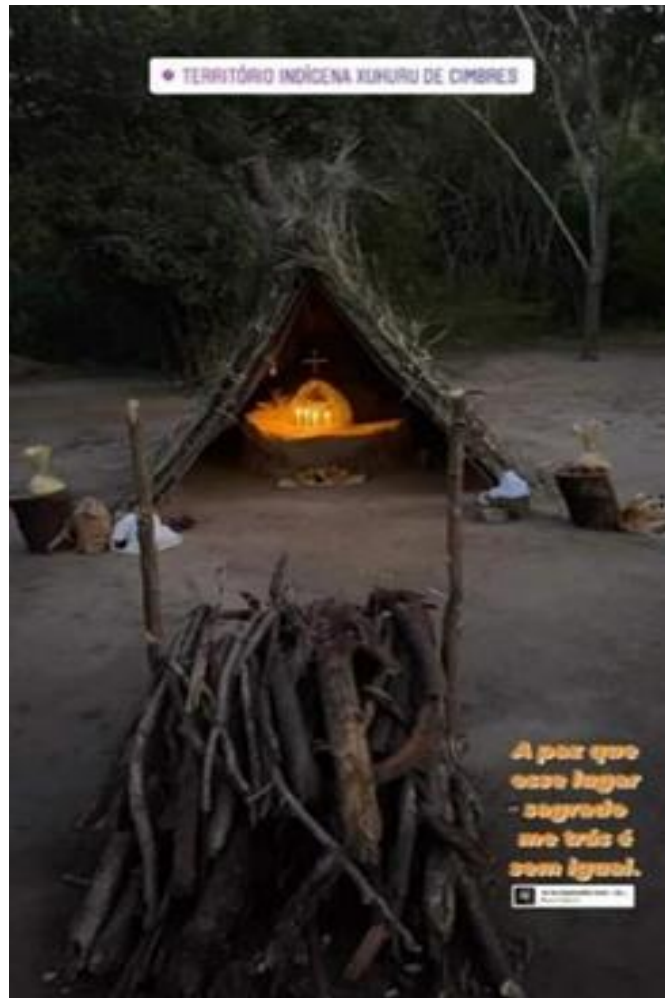


Figura 8. Peji do terreiro João Rodrigues